



Revisitando a construção metodológica em uma investigação de recepção de cinema¹

Maytê Ramos Pires²

Resumo: O artigo traz uma reflexão sobre a construção metodológica em recepção de cinema a partir da investigação que desenvolvi no Mestrado, versando sobre o encontro comunicativo realizado em sessões comentadas de cinema na perspectiva da cidadania comunicativa cinematográfica. Primeiro reflito sobre o sentido da metodologia no processo de pesquisa e depois trago resultados em termos de pesquisa exploratória nas sessões nos três espaços investigados, o que consolidou uma pesquisa sistemática voltada para dois destes espaços (*Ocupação Pandorga* e *Sala Redenção*) em virtude de suas potencialidades diferenciadas de uso do cinema para promoção de debates.

Palavras-chave: sessões comentadas de cinema; metodologia; construção metodológica; recepção de cinema.

Introdução

Entendendo metodologia como um processo dinâmico, que se constrói ao longo da jornada de pesquisa a partir de diálogo, confluência e confrontação entre teoria e empiria, em processos de idas e vindas (MILLS, 1975), reflito sobre fundamentos e concretizações da construção metodológica para, então, discorrer sobre os passos empreendidos numa construção própria da metodologia para a investigação que desenvolvi durante o mestrado³. Na concepção de investigação com a qual trabalho é preciso pensar o sentido do movimento, que se coloca como uma

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada no GP Cinema do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduação em Comunicação Social / Jornalismo pela Unisinos. Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção (PROCESSOCOM) e da Rede Temática de Cooperação Científica: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (Rede AMLAT). mayterpires@gmail.com

³ A dissertação representa desdobramentos de preocupações das investigações das quais participei, problematizando uma cidadania vinculada com o cinema, pensando os processos comunicacionais cinematográficos em sua potencialidade de constituir para a cidadania dos sujeitos envolvidos. Seu problema é: Como se dão as dinâmicas das sessões comentadas realizadas na *Ocupação Pandorga* e na *Sala Redenção* pensadas desde a perspectiva de construção de cidadania comunicativa cinematográfica?

etapa crucial para o desenvolvimento de uma investigação por pensar o fazer, levar ao entendimento de que a pesquisa é marcada por constantes (re)descobertas (BONIN, 2011) e de que o método não é uma “entidade”, algo fixo, mas deve ser problematizado em diálogo com outros métodos na formulação de uma metodologia própria, que responda às necessidades do problema/objeto e do campo empírico de pesquisa. Construí a pesquisa assumindo minha condição de sujeito implicado com o objeto, visto que só em me colocar como pesquisadora no contexto de recepção de cinema já o estou modificando⁴, isto porque acredito que o pesquisador é um sujeito que constrói a pesquisa em colaboração com os sujeitos investigados, todos partícipes do processo de construção.

Deste modo, o presente artigo está estruturado de modo a: primeiro recuperar e refletir sobre as concretizações desenvolvidas na caminhada de pesquisa para pensar a recepção de cinema, e que desde já permitem antever as linhas prioritárias neste recorte; depois trato da fundamentação teórica, de contextualização e da pesquisa; em seguida, abordo sobre o sentido de realizar a etapa exploratória de pesquisa, seguindo para a especificidade com a qual trabalhei nas sessões investigadas e com os sujeitos; finalizo com uma reflexão geral sobre a construção metodológica.

Sentidos, amparos e práticas de construção da pesquisa

Logo ao iniciar o fazer ciência, ainda na minha experiência de Iniciação Científica (IC), fui apresentada à importância da relação teoria e empiria para a construção das problemáticas investigativas. A princípio são apenas dizeres: atentar para o diálogo, a inter-relação entre estes elementos. Depois, ao longo da minha trajetória como pesquisadora, fui percebendo que é essencial colocar em diálogo o saber teórico e as percepções advindas das idas a campo porque só assim se faz possível uma imersão no objeto, ao pensá-lo e cercá-lo por vários âmbitos, que permitam caminhar na direção de compreendê-lo. É necessário, então, colocar em

⁴ Entendo que a presença da pesquisadora modifica o contexto de recepção visto que quando os sujeitos têm consciência de que estão sendo estudados a postura deles muda, as falas também, há uma maior seriedade e uma preocupação com o uso de suas falas.

confronto os conceitos com as práticas, apropriar-se das leituras teóricas e realizar observações do campo empírico e, assim, na união das ideias com a observação da realidade, estabelecer vínculos na compreensão do recorte de realidade investigado (BACHELARD, 1977; MILLS, 1975). O objeto pesquisado também se reconstrói constantemente, tanto por mudanças no campo quanto nos saberes teóricos (BONIN, 2011), e é função do pesquisador perceber e acompanhar as transformações buscando entender seus porquês e sentidos. Não há uma medida certa, não há receita na ciência, e sim a constante descoberta de mundo.

A metodologia é constituída ao longo da caminhada de desenvolvimento da pesquisa e é necessário ter consciência de que quaisquer procedimentos escolhidos configuram/constroem os dados, que eles permitem enxergar alguns aspectos e, simultaneamente, obscurecem outros. Devido a isso, antes de optar por determinado procedimento, há de se refletir sobre ele. (BONIN, 2011). Para a investigação, busquei formular uma proposta teórico-metodológica que correspondesse ao que a *práxis* foi mostrando, sem restringir a pesquisa a fórmulas prontas, refletindo sobre os passos a serem dados. Destaco o compromisso científico de problematizar as ideias dos autores que trago para dialogar no texto, pensando o recorte de real investigado. Por esta e outras razões, a pesquisa passou por várias alterações, ganhando vida no seu desenvolvimento. Ou seja, é preciso pensar a teoria em ato, a partir do empírico, em relação com ideias já desenvolvidas e confrontadas/ampliadas para a investigação que está sendo construída.

Assim, o plano conceitual está em constante construção em correlação com a empiria e com a metodologia que vai sendo pensada para a especificidade da pesquisa. Para criar uma metodologia que responda às demandas da problemática, se construa no processo da investigação e oriente sua realização, é preciso ter consciência do lugar de pesquisa, pensando seu processo e aliando cada passo a uma reflexão sobre o fazer científico proposto⁵. (MALDONADO, 2002). Há, assim, uma necessidade de reflexão sobre cada uma das escolhas metodológicas, além de vigilância para não tomá-las

⁵ Para desenvolver tais ideias dialogo com autores como Bonin (2011), Bachelard (1977) e Maldonado (2011).



rigidamente e para propor rupturas, construindo-as em virtude das necessidades da pesquisa.

Considerando que os fatos e as realidades são construídos e que cada objeto requer determinadas construções metodológicas, percebo que é preciso pensar implicações, potencialidades e limitações presentes nos contextos que cercam meu objeto⁶, vislumbrando as possibilidades de um diálogo intercultural a partir das relações entre os sujeitos que integram as sessões, de suas culturas e dos atravessamentos nas relações que se abrem com outras culturas, entendendo que as sessões comentadas são compostas por perfis heterogêneos que se vinculam nessa assistência.

Partindo da concepção de metodologia como um processo de descoberta que parte de um problema e leva em conta teoria e empiria e que se forma também pela observação, caracterizada por um ir e vir constante ao campo, me proponho, no que se segue a expor e a refletir sobre como construí o percurso da pesquisa e os procedimentos realizados para o seu desenvolvimento.

Pesquisas teórica, de contextualização e da pesquisa

A *pesquisa teórica* foi empreendida na investigação desde o seu início, na tentativa de pensar lógicas para a compreensão do fenômeno investigado. Tenho consciência de que, mesmo pretendendo um olhar desligado de minhas pré-noções, isto seria impossível e que meus julgamentos no embate com os textos têm de ser desconstruídos constantemente para ressignificar certas noções, mas creio que estes conflitos são parte do fazer pesquisa.

Outro procedimento metodológico configurador desta investigação foram as pesquisas para a construção da *contextualização*. Realiza-se na contextualização um movimento de mapeamento dos aspectos das realidades que vigoravam à determinada época em relação com a atualidade comunicacional da investigação e que

⁶ Minha pesquisa de Mestrado, como já exposto, objetiva investigar e compreender as dinâmicas das sessões comentadas realizadas na *Ocupação Pandorga* e na *Sala Redenção* na perspectiva de construção de uma cidadania comunicativa cinematográfica.

são relevantes para compreender a problemática que implica no recorte do real investigado. Este mapeamento inclui obras acadêmico-científicas e literárias que retratem as problemáticas e entornos em concomitância com a reflexão constante sobre tais processos, realizando incessantemente o pensar sobre a atividade científica proposta. (BACHELARD, 1977). A imersão no objeto investigado a partir da contextualização amplia a percepção sobre ele, possibilitando novos olhares e perspectivas que o concretizam em termos de seus vínculos com a realidade onde se insere seu movimento, redescobrimo o objeto ao encará-lo historicamente.

A *pesquisa metodológica* está presente ao longo de toda a investigação. Primeiro ela me amparou na formulação do entendimento do método não como algo rígido, mas dinâmico. A ideia utilizada no desenvolvimento do processo metodológico da pesquisa foi de construí-lo para o objeto investigado, unindo diversos métodos para formular uma metodologia criada para responder às necessidades do fenômeno investigado. (BONIN, 2011; MALDONADO, 2011).

Deste modo, a metodologia precisa ser trabalhada atravessando todo o processo de pesquisa. (BONIN, 2014). Então, ao longo do trabalho, métodos como observação de campo e entrevista foram redescobertos e repensados para a investigação. Também como parte da pesquisa metodológica e auxiliando na construção da pesquisa estão os ensinamentos de Bachelard (1977), Mills (1975) e Becker (1993) ao levar à reflexão sobre o método. O estudo, o diálogo e a apropriação desses autores me fizeram refletir sobre a *práxis* na construção da pesquisa, além de inaugurarem uma reflexão sobre os fazeres e escolhas na formulação de uma metodologia própria.

A *pesquisa da pesquisa* é um “revisitar reflexivo de investigações” (BONIN, 2014, p. 45), na qual procurei descobrir pesquisas concretas e consolidadas para pensar elementos constitutivos para a elaboração desta investigação, em todos os aspectos configuradores delas. O procedimento de pesquisa da pesquisa, em movimentos circunscritos às possibilidades e temporalidades da mesma, teve lugar na

construção da investigação em diferentes aspectos⁷. Primeiro para pensar o problema, pensando sua viabilidade e contribuição para o campo comunicacional e para a sociedade. Depois para pensar os processos de construção da pesquisa a partir do que já foi produzido concretamente. O processo é importante para o desenvolvimento de qualquer investigação compromissada em termos socioculturais, científicos e com o campo comunicacional, a partir das insuficiências identificadas e possíveis ampliações de pensamento visto que a pesquisa da pesquisa leva a uma identificação do estado dos conhecimentos produzidos sobre a temática investigada⁸, além de se valer desse movimento também para apoio à pesquisa teórica e metodológica, abrindo uma reflexão inquieta a partir do estudo das pesquisas já realizadas sobre temas afins aos da investigação em questão.

Ao realizar esse processo, percebi que também se aprende a investigar estudando outras pesquisas, como inspiração para expandir limites e me autoformar em pesquisa, para então realizá-la concretamente. Procurei entrar no tecido de parte das pesquisas encontradas para pensar meu fazer em termos de modos, perspectivas, possibilidades e, também, servirem como aparato teórico na investigação. Concretamente, esta seleção foi realizada a partir da leitura do resumo de todos os trabalhos encontrados nas buscas e, a partir destas apresentações iniciais, entrei nas pesquisas que mais se aproximavam à investigação desenvolvida tanto em termos de temática, quanto de similaridade de desenvolvimento. Deste modo, a pesquisa da pesquisa serviu diretamente para construir e problematizar as etapas de pesquisa exploratória e de contextualização, inspirando realizações de procedimentos e reflexões nestes âmbitos. Assim, sendo que tudo está em movimento e em constante reconfiguração, a investigação deve se adequar a renovações e mudanças no mundo da vida.

⁷ Para entender abrangência e limitações desse movimento, dialogo com as ideias de Bonin (2011), Maldonado (2002) e Silva (2012).

⁸ A diferença entre pesquisa da pesquisa e levantamento do estado-da-arte é que este gera subsídios na constituição de um levantamento que leva a um panorama do que há de produções já realizadas e que se relacionam à pesquisa que se está desenvolvendo, mas não constitui a pesquisa da pesquisa visto que esta se propõe a mergulhar no tecido das pesquisas e a partir daí rever os caminhos trilhados e pensar em projeções futuras.



A pesquisa exploratória

A etapa exploratória, que é aqui entendida como movimento de aproximação ao fenômeno empírico, como forma de visualizar seus contornos, especificidades e regularidades com vistas a concretizar a investigação em seus vários elementos (BONIN, 2011), foi realizada a partir de dois movimentos: observação das sessões e entrevistas com participantes. A observação incluiu os espaços digitais e os espaços físicos nos quais se materializam as propostas das sessões para tentar entender como se dão as relações comunicacionais nestes cenários. As entrevistas foram pensadas como procedimento de coleta que deve promover o diálogo entre pesquisador e entrevistado, para que seja possível que se realize uma troca e o entrevistado seja valorizado como parte da pesquisa com voz ativa. (MEDINA, 2001; THOMPSON, 1992; BAUER; GASKELL, 2002). Nessa etapa entrevistei os realizadores das sessões comentadas dos três espaços observados (*Ocupação Pandorga*⁹, *Sala P. F. Gastal*¹⁰ e a *Sala Redenção – Cinema Universitário*¹¹) e uma pequena amostra de público, que estou ampliando na fase sistemática da pesquisa. Em suma, na pesquisa exploratória observei as sessões, o espaço, realizei entrevistas com os agentes envolvidos, mapeei sessões e pensei o público; e na pesquisa sistemática continuo a observar sessões e espaços e realizar entrevistas pontuais.

Definindo essa pesquisa como uma abordagem qualitativa, que não tenta abarcar um universo, mas recorta cenários relevantes no que se refere à comunicação, a investigação exploratória aqui se inseriu como uma prática metodológica que visava coletar dados que me ajudassem a perceber as singularidades e distinções dos espaços e colocá-los em diálogo com o saber teórico para alimentar o amadurecimento das dimensões da problemática. Para pensar o circuito de exibição cinematográfica de Porto Alegre e mapear os espaços que propunham sessões comentadas dentro dele, utilizei meu conhecimento anterior como elemento constitutivo da fase exploratória. Os primeiros elementos exploratórios com os quais contei nesta investigação

⁹ Ocupação cultural que oferece cerca de cem atividades mensais, visando uma educação transformadora.

¹⁰ Sala de cinema que retoma o movimento cineclubista a partir de sua oferta fílmica.

¹¹ Cinema que se propõe como um espaço formativo através de filmes recentes e resgate de “clássicos”.



advieram, então, das minhas vivências enquanto espectadora dessa cena, vivências essas que se iniciaram há cerca de sete anos, quando por volta de 2007 descobri a amplitude do circuito de cinemas de Porto Alegre¹² e comecei a frequentá-lo ao menos uma vez por semana. Meu olhar exploratório se reposicionou quando comecei a ampliar minha percepção sobre a exibição comentada de filmes também em espaços culturais que não eram inicialmente cinemas, mas propunham sessões comentadas¹³. Os espaços foram sendo definidos tanto por eu já frequentá-los, como em buscas *online* e através de informantes-chave como críticos de cinema e ativistas culturais.

No momento em que passei a frequentar os espaços em incursões exploratórias para a investigação, busquei constituir um olhar de pesquisadora, sensibilizando esse olhar para a condição de investigação, inaugurando uma postura de vigilância epistemológica (BACHELARD, 1977) que ultrapasse meu conhecimento e relações anteriores. A ruptura e a constituição desse olhar de pesquisadora envolveram esforço para desnaturalizar o olhar, observar atenta e curiosamente certos aspectos que a problemática em construção demandava, refletindo constantemente sobre seu significado. Este movimento não anula as percepções anteriores dos espaços, mas inaugura outro lugar de onde os vejo, procurando pensá-los nos diversos âmbitos que os compõem.

A pesquisa exploratória das sessões e com os sujeitos

Ao realizar os movimentos de aproximação aos espaços das sessões fiz uso de abordagens diferenciadas. Após o mapeamento que me permitiu elencar os espaços culturais que se propunham a ofertar sessões comentadas, optei por trabalhar com os três espaços que realizavam esse tipo de sessão com maior frequência, sendo eles

¹² Composto pelos seguintes cinemas: *CineBancários*, *Cinemateca Capitólio*, *Cinemateca Paulo Amorim*, *GNC Moinhos*, *Guion Center Cinemas*, *Itaú Cinemas*, *Sala P. F. Gastal*, *Sala Redenção – Cinema Universitário* e *Santander Cultural*.

¹³ Dentre as tantas atividades mapeadas, destaco aqui 4 delas, por terem características diferenciadas e ofertarem cine debates com maior assiduidade, a saber: *Ocupação Pandorga*; *Violeta – Casa de Cultura Popular*; grupo de pesquisa *Estudos em Gênero, Sexualidade e Saúde* (EGSS) com ação na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA); e grupo de pesquisa *Liga dos Direitos Humanos* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com ação na *Sala Redenção*.



duas salas de cinema institucionalizadas e uma ocupação, a saber: *Sala P. F. Gastal*, *Sala Redenção* e *Ocupação Pandorga*.

Nessa aproximação ao campo, contatei os realizadores dos espaços para entender como se dava a escolha da programação e a oferta de sessões comentadas. Depois, entrevistei um espectador de cada espaço. A coleta de dados foi realizada de modo que os entrevistados se sentissem à vontade, respeitando seus tempos e disponibilidade.

Nesta etapa realizei, também, observações das sessões relativas ao uso dos espaços por parte dos sujeitos e ofertas, no intuito de recolher elementos para nortear a compreensão de como se dão as apropriações proporcionadas pelas sessões comentadas e pensar a possibilidade de constituição de uma cidadania comunicativa cinematográfica nesse processo. Foram realizadas observações de 10 sessões nos cenários selecionados durante o início de 2016. Tais observações foram relatadas no diário de campo, que serviu de registro para repensar os movimentos e foi recuperado no momento da construção do texto de qualificação¹⁴, além de constituir um detalhamento dos processos e das constatações realizadas a partir deste movimento. Mas antes destas ações concretas, a construção dos procedimentos de coleta de dados incluiu a formulação de um roteiro para orientação da observação das sessões, de um questionário exploratório e de dois roteiros de entrevista a serem feitas com os espectadores e com os realizadores, que serão descritos nos próximos parágrafos.

As observações das sessões foram guiadas por um *roteiro de observação*, que incluía cinco eixos centrais, a saber: composição do cenário de recepção e perfil sujeitos; distribuição dos sujeitos no cenário; interações verbais e não verbais (sentidos sobre hierarquias, relações de poder, estratégias etc.) – lógicas envolvidas considerando que o espaço tem poderes; comportamento dos receptores; e comportamento dos realizadores. Em cada bloco elencado como eixo essencial para a observação, eu buscava perceber especificidades dos locais de assistência e particularidades nestas sessões comentadas que falassem de seus públicos e das possibilidades de apropriação inauguradas pelas ofertas ali analisadas.

¹⁴ Realizada em 18/07/2016.

O *questionário para caracterização do público* foi formulado para tentar visualizar características básicas do público de interesse para a pesquisa. Para tanto, incluía os seguintes elementos: frequência mensal dos sujeitos em cinemas; espaços cinematográficos que frequentam; frequência em sessões com debate; locais de participação em tais sessões; histórico de assiduidade; motivo de ir a sessões com debate; e espaços/plataformas em que costumam assistir filmes.

O *roteiro da entrevista com os espectadores* visava captar aspectos da trajetória de vida comunicacional midiática dos sujeitos, suas relações com o cinema, com os espaços e com as sessões comentadas. Para tanto, foi composto pelos seguintes blocos de questões: relações com os espaços cinematográficos e especificamente com sessões comentadas (olhando os espaços de consumo de cinema e características de assistência); competências cinematográficas e/ou de outro tipo no vínculo com cinema; entendimentos de cinefilia; significado da relação com o espaço de assistência; outros espaços de consumo fílmico e assistência a domicílio; referenciais/competências cinematográficas; consumo midiático – tipos de conteúdo e frequência; cultura do cotidiano (trabalho, lazer, consumo cultural, estudo, vínculos); e perfil socioeconômico.

Já o *roteiro de entrevistas com os realizadores* foi composto pelos seguintes blocos de questões: compreensão das sessões promovidas (propostas, objetivos, seleção dos filmes e público); funcionamento dos espaços (surgimento, colaboradores, demais usos para além das sessões comentadas); relação pessoal dos realizadores com o cinema (gosto, frequência de assistência fílmica, plataformas utilizadas, cinematografia preferencial, percepções sobre oferta de outros espaços, incluindo outras sessões comentadas).

Nas noções de roteiro e de compreensão de seus usos, me amparei nos ensinamentos de Thompson (1992) e de Bauer e Gaskell (2002), para fazer essas entrevistas iniciais fluírem, visto que estes autores trabalham as noções de roteiro de entrevista como um guia para que o pesquisador não esqueça nenhum tópico, mas discutem a necessidade de orientar a entrevista numa relação que deixa os entrevistados abertos para desenvolverem suas falas e para o pesquisador também

explorar aspectos que no momento da entrevista se mostrem importantes para sua pesquisa. Para pensar os sentidos de realizar entrevistas e os modos de garantir que o diálogo acontecesse, buscando valorizar os entrevistados e mantê-los à vontade, me apropriei das ideias de Medina (2001), que entende a entrevista como uma técnica que leva a um diálogo entre pesquisador e pesquisado; de Thompson (1992) que trabalha formas de interação para estabelecer o diálogo, e de Bauer e Gaskell (2002), que veem a situação da entrevista como um momento de cooperação, uma troca.

Os registros de coleta de dados foram realizados de dois modos: através da utilização do diário de campo, onde registrei todos os passos realizados na trajetória de pesquisa, possibilitando rever as escolhas feitas ao longo da caminhada, repensá-las e, quando necessário, voltar a empreender movimentos em âmbitos menos explorados; e a partir da utilização do gravador nas entrevistas, o que deu um caráter mais oficial ao momento de sua realização, levando o entrevistado a um estágio de concentração que focalizasse sua atenção no roteiro guia e que também servisse como um registro do conteúdo das conversas e das falas dos sujeitos, possibilitando retomadas e revisões dos momentos relevantes. Na sistematização dos dados, realizei a decupagem dos áudios, para facilitar a visualização dos trechos das entrevistas que diziam respeito diretamente ao que foi questionado aos sujeitos e, assim, também, selecionar trechos para constarem na descrição dos dados das entrevistas.

O uso dos registros de observação de campo foi relevante para tecer anotações sobre os passos realizados e sobre minhas observações das sessões. O diário de campo me possibilitou guardar detalhes, auxiliando no momento de repensar o que vivenciei nos ambientes, como percebi os colaboradores, o que apreendi das relações que se estabelecem e quanto os ambientes falam ao espectador. Os registros e anotações efetuados em blocos de notas e no diário de campo da pesquisa foram pensados e valorados a partir das ideias de Mills (1975) e Winkin (1998), que apresentam estes espaços como lugares também de fabricação da pesquisa, nos quais é possível repensar os detalhes da caminhada, ampliar a visão sobre o caminho traçado, reconstruí-lo na retomada de alguns movimentos para uma ampliação no desenvolvimento das etapas. Os registros também servem como espaços para reflexão

sobre o que se está desenvolvendo, na linha proposta por Bachelard (1977) sobre a vigilância epistemológica.

Para realizar uma observação distante o suficiente para não contaminar o olhar com pressupostos e próxima para enxergar o que o real investigado apresenta, é necessário saber ouvir, ver e escrever, o que se deriva de um processo de aprendizado constante, como alerta Winkin (1998), principalmente no que diz respeito a uma observação participante e, posteriormente, a uma pesquisa que propõe também ações de caráter interventivo. Saber ver para ter atenção ao que o ambiente expressa em relação a dimensões que interessam à problemática. Saber ouvir para entender o que é dito nas sessões, nas conversas dos sujeitos entre si e com o pesquisador no processo da pesquisa. E saber escrever para conseguir traduzir as observações, organizar logicamente os dados e confrontá-los com as perspectivas teóricas que orientam a investigação, para poder interpretá-los.

Considerações finais

Procurei destacar neste artigo que no percurso da pesquisa realizado até o momento, e que penso ser necessário em qualquer investigação, procurei construir certa autonomia metodológica enquanto pesquisadora em um processo constante de aprendizado, no qual busquei realizar o exercício também constante de desestruturação e reconfiguração do meu olhar, despertando novas angulações para ver o objeto de diferentes perspectivas e pensar estratégias de pesquisa para as situações concretas do meu objeto. Construí as movimentações no campo a partir de um planejamento anterior, pensando o objetivo de cada ação, mas mantendo a programação aberta de modo a encarar o processo de modo flexível. (BONIN, 2014).

Isto requer certa delicadeza de pensar e problematizar, de entender a consciência de mundo dos lugares e das experiências dos sujeitos em virtude da investigação desenvolvida. No caso desta pesquisa, é preciso pensar o cinema com um viés para potencializar e se conectar às experiências de ação cidadã que os espaços já vêm experimentando e desenvolvendo. Penso a especificidade dos cenários



investigados para o objeto de pesquisa e o que se pergunta em termos de sessões comentadas na recepção de cinema, cuidado que deve ser tomado em todas as investigações na construção dos métodos para o que se pergunta e se percebe no campo.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Huctec, 1993. p. 9-46.

BONIN, Jiani Adriana. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

_____. Problemáticas metodológicas relativas à pesquisa de recepção/produção midiática. In: MALDONADO, Alberto Efendy. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania, dimensão digital**. 1. ed. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 41-54.

_____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____ et al.. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

_____. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/efendy2.html>>. Acesso em: 26 set. 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.



MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.